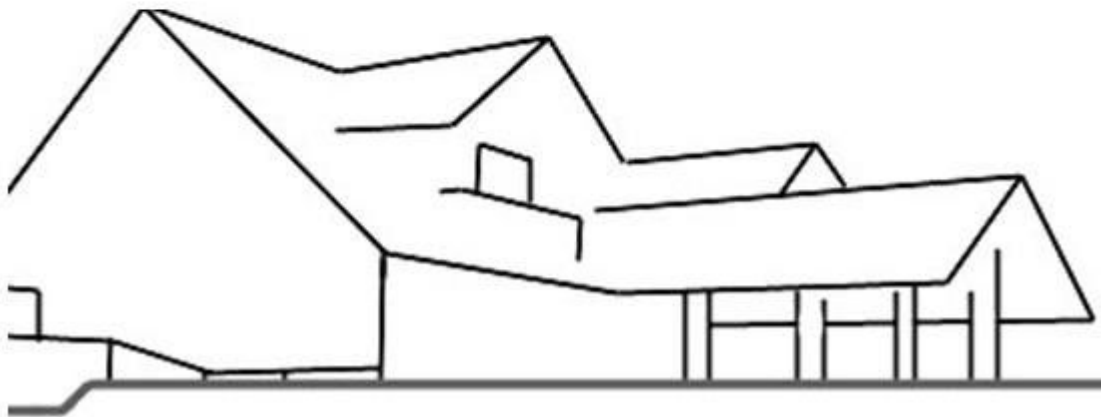


# discípulos do REINO

## IGREJA > UMA CASA COMUM



“Não se trata de inventar de novo a roda, mas dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo; reconhecê-lo será um enriquecimento para o mundo da roda e um passo a mais no conhecimento de nós mesmos”.

**Milton Santos**

### SUMÁRIO

#### **1. INTRODUÇÃO**

#### **2. O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA NOS LARES NO CONTEXTO PAULINO**

*2.1 Panorama sócio - cultural do tempo de Paulo*

*2.2 A igreja doméstica nos escritos de Paulo*

*2.3 A igreja e suas associações para Paulo*

*2.4 O uso do termo ekklesia por Paulo*

#### **3. O NÚCLEO FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA PARA A IGREJA CRISTÃ**

*3.1 O significado do oikos no mundo greco-romano*

*3.2 O significado e a função do oikos no Novo Testamento*

*3.3 A possibilidade de comparação de aspectos do primeiro século com os dias atuais e sua relevância para a igreja de hoje*

#### **4. A IGREJA NOS LARES, UMA PROPOSTA DE UMA IGREJA-FAMÍLIA NOS DIAS ATUAIS**

*4.1 A família na pós-modernidade e algumas de suas implicações*

*4.2 Alguns aspectos da trajetória da igreja cristã - dos lares para a Institucionalização*

*4.3 Ecclesia reformata, semper reformanda*

*4.4 A igreja nos lares: a práxis cristã a partir de reuniões domésticas*

*4.4.1 O grupo pequeno como expressão das igrejas nos lares*

*4.4.2 Alguns aspectos práticos das igrejas nos lares*

#### **5. CONCLUSÃO**

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo pretende realizar uma observação das igrejas domésticas nos escritos de Paulo, bem como o conceito e valores da família greco-romana - o *Oikos* e seus desdobramentos, e sua influência para o desenvolvimento da igreja iniciante. A partir de uma breve exposição de fatores do primeiro século que são semelhantes ao século presente é apresentada uma proposta de resgate do modelo “igrejafamília” hoje, e que tem nos lares e nos pequenos grupos a forma de estrutura principal, forma esta, que nós aqui como comunidade temos buscado incessantemente viver.

Compreendemos que a Bíblia é a única e verdadeira Palavra de Deus, inspirada por Ele, e apta para julgar e orientar toda e qualquer ação da igreja. Também acreditamos que a igreja possui como fundamento único e principal, Jesus Cristo, e que ela deve estar submissa aos seus ensinamentos e se mostrar ao mundo como verdadeiro corpo de Cristo e agente do Reino de Deus na sociedade. Para tanto ela precisa estar sempre se reformando para que o “vinho novo” esteja acomodado devidamente em “odres novos” (Lucas 5:37, 38).

No século 20 se deu o alvorecer, consolidação, o apogeu e o desgaste do movimento evangélico bem como o aumento da institucionalização eclesiástica. O pragmatismo e o individualismo pregado e vivido têm afastado a igreja evangélica dos princípios que deveriam caracterizar os cristãos: relacionamento, comunhão, amor, serviço, e proclamação.

Da mesma forma, a família pós-moderna<sup>1</sup> também sofre as conseqüências do individualismo e da relativização de valores, se apresentando como uma instituição social repleta de patologias e que necessita, urgentemente, de uma renovação.

Apesar disso, é um espaço onde é possível vivenciar os valores cristãos e reformular os paradigmas sociais de hoje. Será traçado um breve panorama histórico do ambiente no qual Paulo iniciou e desenvolveu seu ministério e onde se deu o início da igreja cristã. Logo em seguida, uma análise, não de cunho exegético exaustivo, porém demonstrativo, da realidade das igrejas nos lares no tempo e nos escritos de Paulo, bem como essa natureza doméstica influenciou na formação de sua eclesiologia e seus ensinamentos.

Será demonstrado também que o uso do termo grego *ekklesia* por Paulo tem mais relação com o conceito de “povo de Deus” do que com a assembleia greco-romana, e que ele buscou em outra instituição social (no caso a família), paradigmas para a igreja. Já que para Paulo, a família possuía tal importância, o termo *Oikos* e seus parônimos serão mais bem expostos, no seu conceito greco-romano e no Novo Testamento. Uma breve análise de fatores semelhantes do primeiro século com o século atual levará a se pensar em um modelo de igreja que resgate os bons valores do modelo iniciante e aplique tais valores na igreja atual.

Por fim, serão analisados alguns aspectos da trajetória da igreja na história; que deixando de lado o ambiente inicial onde ela se desenvolveu - os lares e a família, se institucionalizou. Tendo em vista a necessidade de freqüente reforma, será proposto um modelo de igreja que se enquadra melhor no conceito de “igrejafamília” ou “família cristã” apresentado por Paulo, considerando o hiato histórico e as diferenças sócio-culturais existentes entre a igreja iniciante e a igreja atual.

Esse estudo é fruto, sobretudo, da percepção da necessidade de uma reflexão maior a respeito da natureza da igreja e seus desdobramentos na história, que culminou no modelo institucional predominante na atualidade, em geral, na igreja evangélica brasileira. Discernir tais mudanças e propor uma vida de Igreja que seja mais coerente com a Bíblia é tarefa de qualquer líder ou teólogo que deseje que o evangelho alcance o coração e gere uma transformação radical do homem pós-moderno.

## 2. O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA NOS LARES NO CONTEXTO PAULINO

O apóstolo Paulo possuiu papel fundamental na difusão do evangelho de Jesus Cristo, bem como na formação da igreja iniciante. Ele, os outros apóstolos e escritores bíblicos, não tiveram a intenção de formular uma eclesiologia precisa, nem mesmo tratar a respeito de questões da igreja como, por exemplo, a questão estrutural. Entretanto, basta uma breve análise das cartas paulinas para se perceber, o quanto o tema “igreja” era primazia em seus ensinamentos. Sua eclesiologia passa pelos aspectos sociais, religiosos e até mesmo econômicos do ambiente geográfico no qual ele viveu e desenvolveu seu ministério. Um breve panorama desse ambiente e uma análise de algumas definições paulinas a respeito da igreja podem levar a conclusões importantes para a eclesiologia atual.

### 2.1. Panorama sócio - cultural do tempo de Paulo

O império Romano na época de Paulo se caracterizava por um forte idealismo de unidade organizacional e política. Esses fatores influenciaram diretamente a formação da família, da sociedade e conseqüentemente, da igreja. As leis romanas eram impostas e obedecidas, tanto por cidadãos quanto por súditos e escravos, ambos envolvidos numa justiça regida por leis imparciais. Essa rigidez que se observava, produzia uma sensação de ordem que fundamentava as formas de orientação do império romano. O complexo sistema de estradas que ligava todo o império também era responsável por promover tal unidade, pois proporcionava um cambiamento cultural e comercial entre as cidades. O sentimento religioso estava desgastado pelas guerras e conquistas romanas, e muitos povos experimentaram grande desilusão com sua fé, uma vez que seus deuses não foram capazes de impedir domínios e massacres.

Paralelamente, um ambiente intelectual grego tomava conta do mundo romano naquela época, oferecendo uma língua universal conhecida como *Koinê*, que proporcionou a ampla comunicação e difusão tanto da filosofia quanto da cultura helênica. Novos valores e parâmetros oriundos de uma perspectiva secular (filosófica) infiltraram no terreno complexo e fragmentado da fé helênica. Essa filosofia por si mesma já estava contribuindo para o descrédito das antigas religiões, questionando-as, e estabelecendo novos princípios, de ordem moral, ética e política. A literatura evidenciava claramente a preocupação dos gregos com o certo e o errado e com o futuro do homem.

A sociedade romana era vertical, e possuir propriedades era o principal aspecto que simbolizava riqueza no Império. Entretanto, os possuidores de imóveis eram uma minoria, e as massas eram relegadas a se espremerem em apertados corredores denominados *ínsulas*. Estudos históricos e arqueológicos indicam que cerca de três por cento da população viviam em um terço do espaço residencial e a grande fonte de renda eram os aluguéis de apartamentos (cenáculos) por valores que se aproximavam de quarenta denários por mês. Como um denário era geralmente o salário do trabalhador por um dia de serviço, os pobres tinham que se unir e dividir esses pequenos quartos. A comunidade cristã surge em meio a esse cenário social e econômico da época e essa situação definirá aspectos importantes do cristianismo iniciante como, por exemplo, o *status* social dos “cabeças” das igrejas nos lares, principalmente daqueles que hospedavam a assembléia das igrejas da cidade. Dificilmente uma pessoa pobre de Corinto ou Roma poderia hospedar alguma assembléia, mesmo as de famílias individuais.<sup>4</sup> Os pobres deveriam ser acolhidos pelos mais bem favorecidos, para que pudessem participar das reuniões nos lares. Caso isso não ocorresse, surgiriam problemas como o da ceia na igreja de Corinto, que possivelmente era celebrada por alguns que não aguardavam a todos para o início da refeição (I Cor 11:17-34).

A religião doméstica era parte normal da família helênica, antes mesmo dos cristãos se reunirem em casas particulares. O culto nos lares era expressão clara da religiosidade greco-romana e se apresentava como elemento constitutivo da família antiga. Como destaca o historiador Fustel de Coulanges em seu livro *A Cidade Antiga*:

*O que uniu os membros da família antiga foi algo mais poderoso que o nascimento, o sentimento ou a força física: na religião doméstica se encontra esse poder. A religião fez com que a família formasse um único corpo nesta vida e no além. A família antiga é desta forma, mais uma associação religiosa do que uma associação natural.*

É certo que a família não foi criada pela religião, mas seguramente nesse contexto, a religião ditou as regras para o desenvolvimento dessa família e conseqüentemente para a formação dessa sociedade. Nesse ambiente extremamente religioso é que se deu a pregação de Paulo, e obviamente, as igrejas que começaram a nascer naquela época possuíam tais características constituintes da sociedade greco-romana.

Paralelamente, na casa judaica, onde a religiosidade da família dominava, é que se terá o panorama mais semelhante com a igreja doméstica cristã. No mundo judaico dos tempos de Paulo, a família era o principal lugar de transmissão da tradição dos patriarcas e da fé. Era comum o culto familiar, onde se faziam diariamente as orações, pela manhã e à noite, principalmente no momento das refeições. Algumas das principais festas judaicas eram

celebradas nos lares. Destacam-se as festas de ano novo, expiação, *Sukkot* - com suas tendas nos jardins das casas e *Shavuot* - festa das semanas, com a decoração dos lares com flores. A principal festa familiar, no entanto, era a celebração da Páscoa, festejada no recinto familiar e de casa em casa. Paulo, íntimo dessa manifestação cültica familiar, e sendo ele um dos principais pilares das comunidades cristãs primitivas, tanto seu ensino quanto os hábitos através dele desenvolvidos, tinham marcas dessas tradições. Conhecedor desse estigma familiar característico do povo daquela época, Paulo desenvolve seu ministério a partir dessa cosmovisão. É possível inferir, portanto, que as pontuações feitas acima influenciaram tanto o ministério Paulino (que descentrou seu ensino nas sinagogas levando - o para os lares) quanto sua eclesiologia, que apresentou a igreja como uma comunidade e como uma família.

## 2.2 A igreja doméstica nos escritos de Paulo

A trajetória da igreja iniciante para os lares foi uma tendência social e cultural da época, que posteriormente se revelou como algo benéfico e desafiador. Alguns trechos das cartas de Paulo elucidam que os principais locais de reunião e culto das comunidades primitivas eram as casas - ambiente familiar onde a igreja se efetivou. Uma saudação como a de I Coríntios 16:19 onde Paulo escreve: “[...] As igrejas da província da Ásia enviam saudações. Áquila e Priscila os saúdam afetuosamente no Senhor, e também a igreja que reúne na casa deles” respalda essa idéia. Posteriormente, na carta aos Romanos, Paulo novamente reafirma: “Saudai Priscila e Áquila [...] e também a igreja que se reúne na casa deles” (Rom. 16: 3 e 5). Ao escrever da prisão para seu amigo e cooperador Filemon, mais uma vez o apóstolo faz uso de sua saudação convencional e o saúda, à sua esposa Ápia, a Árquipo e “a igreja que está na casa deles” (Fl 2). Semelhantemente, na carta aos Colossenses, Paulo saúda a Ninfas e também “a igreja que esta em sua casa” (Cl 4:15). É possível dizer, pautando nesses relatos, que para as igrejas vinculadas a Paulo, a casa e a família eram elementos significativos e constitutivos do cotidiano da igreja primitiva. Porém, não eram só as comunidades do círculo Paulino que possuíam essa característica doméstica. Vincent Branick em seu livro *A igreja doméstica nos escritos de Paulo* demonstra a possibilidade de outros grupos cristãos primitivos se reunirem também nas casas. Tal argumento confere com as informações contidas, por exemplo, na primeira epístola de Pedro, escrita provavelmente de Roma, e que apresenta evidências indiretas de igrejas domésticas.<sup>8</sup> No livro de Atos, Lucas também faz referências a reuniões domésticas como atividade comum da igreja primitiva (At 2:46, cf. 5:42).

Segundo Branick, um outro aspecto importante que levou os cristãos a reunirem nos lares foi a questão prática e estrutural, na qual o lar seria um local simples e particular, que se tornava mais “funcional” para as atividades da Igreja. Para os cristãos, reunir nas sinagogas se tornou uma atitude impraticável, uma vez que o judaísmo logo classificou os novos cristãos como membros de uma “nova seita”, e também os templos pagãos não serviam como locais de encontro, pois neles havia muitas práticas desagradáveis que não condiziam com a conduta dos novos cristãos. As residências e o ambiente familiar se tornariam facilmente a garantia de privacidade, intimidade e estabilidade para os cristãos primitivos. A partir da estrutura familiar é que se desenvolveram os principais ofícios e características dessa igreja iniciante, aspectos que delineariam a sua história através dos séculos. Assim como os pagãos, os novos cristãos realizavam culto nos lares e isso se tornou uma boa estratégia de evangelismo para Paulo. A conversão do “cabeça” de uma família constituiria uma peça fundamental na conversão de toda aquela família, pois, sendo a religião naquela época guiada e liderada pelo líder familiar, era bem provável que ali se iniciaria uma igreja nos lares que englobavam todos os pertencentes daquele núcleo familiar. Outro ponto relevante era a prática da hospitalidade, que servia de ponto de apoio para a missão, proporcionando uma fonte de sustento aos trabalhos de Paulo, mas não só numa questão exclusivamente material, mas de comunhão e partilha.

Quando uma casa recebia Paulo ou um de seus colaboradores, era como se essa família “adotasse”, mesmo que provisoriamente, mais um membro naquela família, proporcionando uma partilha de recursos, de valores e de dons espirituais, criando um aspecto comunitário e hospitaleiro nas igrejas. Paulo freqüentemente enviava pessoas às comunidades e referia sempre em suas cartas para que “recebessem” seus colaboradores com assistência suficiente para regressarem a Paulo ou continuarem suas missões. Paulo utiliza freqüentemente termos “familiares” ao escrever suas cartas. Ele descreve a si mesmo como um pai para as comunidades ( I Ts 2:11, I Cor 4:14, 15, Fm 10, Fl 2: 22 ). Ele também se dirige a seus

companheiros cristãos como irmãos utilizando a palavra grega *adelphos* (irmãos) por diversas vezes em suas cartas. Essa recorrência se dá porque ele provavelmente desejava que os irmãos desenvolvessem vínculos familiares entre si. E era esse tipo de relação pessoal, íntima e doméstica, que caracterizava o cristianismo, sendo o paradigma da vida cristã dos irmãos. Essa relação dos valores familiares da época com a proposta comunitária da igreja será mais bem elucidada no capítulo dois. Paulo então forma tanto uma reflexão quanto uma prática teológica a partir dessa realidade. Porém, para ele, a igreja não era formada simplesmente pela conversão de uma família constituindo então uma comunidade restrita à mesma. Ela deveria ser um povo, uma grande casa, que incluísse além do núcleo consanguíneo, os escravos, os estrangeiros e também outras famílias. Nas instruções paulinas não há preocupação em explicar as origens das igrejas nos lares. Há a possibilidade de tal gênese ter ocorrido de maneira natural. Porém os ensinamentos de Paulo se tornam mais compreensíveis quando lidos a partir da perspectiva da família, pois eles trazem luz sobre tais grupos. Em suma, não foi contingentemente que a reunião dessas comunidades, bem como sua rotina, passou a acontecer nos lares. Essa característica da igreja primitiva refletia a concepção paulina do que era “ser” igreja e representou uma das principais expressões dos primeiros seguidores de Cristo.

### 2.3 A igreja e suas associações para Paulo

O crescimento numérico das igrejas domésticas sugeriu uma conexão entre elas, possivelmente formando uma federação no âmbito da cidade, algo identificado pela maioria dos estudiosos como sendo a “igreja local”. Paulo certamente se interessava em homogeneizar o ensino nas igrejas, porém, é importante lembrar que ele não sistematizou seu ensino, e as cartas eram escritas baseadas em situações específicas de cada comunidade, dificultando assim o estudo do pensamento completo de Paulo. Não se nota nos escritos de Paulo uma tentativa de definir a associação das igrejas nos lares como parte de uma igreja da cidade, no entanto Branick acredita que fazia parte do esforço pessoal de Paulo trabalhar pela coesão entre as igrejas domésticas, conseqüentemente usando a formação de uma igreja local. O fato das epístolas paulinas serem destinadas várias vezes a uma igreja de determinada cidade ou região, bem como serem recomendações pessoais de Paulo para que fossem lidas em outras igrejas, reforça essa idéia. As comunidades que Paulo servia existiam a partir de dois pilares, ambos ligados à família:

- 1) a assembléia doméstica de uma família individual e seus associados,
- 2) um encontro no âmbito da cidade em uma casa particular, porém com a presença de várias famílias.

### 2.4 O uso do termo *ekklesia* por Paulo

Quando Paulo sugere a reunião das igrejas domésticas numa única assembléia, seja familiar ou da cidade, ele usa o termo grego *ekklesia*, que era comumente empregado para designar a assembléia política do cidadão livre grego. Essas reuniões surgiram a partir do século V a.C. com o objetivo de decidir assuntos concernentes ao bem-estar dos cidadãos da *polis*. A *ekklesia* existia como fenômeno político à medida que os cidadãos se reuniam e terminava quando deixavam de fazê-lo - era uma instituição temporária. A ênfase da palavra está na assembléia propriamente dita, não numa instituição permanente. Contudo, a palavra *ekklesia* foi utilizada cerca de 100 vezes na versão da LXX, em vários momentos para representar a expressão hebraica *Qahal-Yahweh* (povo de Deus) e quando Paulo faz uso da palavra *ekklesia* ele tem em mente o evento escatológico-redentor da Igreja do Novo Testamento como sendo a continuidade do povo de Deus do Antigo Testamento.

O uso freqüente que Paulo faz da qualificação “igreja de Deus” em suas cartas também pode apontar para essa conclusão, pois se torna equivalente à expressão *Qahal-Yahweh* no livro de Deuteronômio. O uso da palavra *ekklesia* para nomear a igreja primitiva não pode ser considerado somente uma tentativa de estender o sentido do termo. Antes, está nele expresso a consciência de que, em sua existência, a igreja cristã havia revelado o verdadeiro povo de Deus e que os privilégios e qualidades atribuídos a Israel no passado e a aliança feita com esse povo no deserto, encontrou aplicação pretendida por Deus na igreja. Paulo também faz uso da palavra *ekklesia* com o intuito de representar o simples ajuntamento dos santos. *Ekklesia* pode designar um encontro de cristãos para o culto; *en ekklesia* (I Cor. 11:18; 14:19, 28,35) pode ser mais bem traduzido simplesmente como “na igreja”. Mas isso não significa num prédio denominado igreja; *ekklesia* nunca é usada para designar um lugar físico como na

tradução da palavra em português “igreja”. Significa sim a assembléia dos santos para o culto. *Ekklesia* pode designar os discípulos que se reúnem numa casa particular, como uma “casa-igreja” (Rom. 16:5; I Cor. 16:19; Col. 4:15; Filem. 2). O termo também pode se referir à totalidade de crentes que se vivem numa região ou cidade (Rom. 16:1; Col. 4:16; Gál 1:22).

Para Paulo, a congregação local é a Igreja, não necessariamente necessitando de uma organização formal ou externa para existir. Conclui-se que ela não é concebida numericamente, mas organicamente. George E. Ladd citando Schmidt destaca: “A Igreja Universal não é tida como a totalidade de todas as igrejas locais; pelo contrário”, cada comunidade, embora pequena, representa a comunidade total, a Igreja “. A igreja local não é parte da Igreja, mas é a *Igreja* em sua expressão local. Isto significa que cada comunidade que se reunia nos lares não é um fragmento de uma grande organização, mas sim, efetivamente a Igreja na qual o poder total de Cristo está disponível em cada uma delas da mesma forma que na Igreja como um todo. Baseado nas colocações anteriores é possível concluir que Paulo provavelmente não tinha a *ekklesia* grega como fonte de valores para a igreja. Ao contrário, utilizava freqüentemente outro termo - *oikos* (casa, família) e seus derivados, para estender e clarificar o sentido de igreja. E isso traduz o intuito de Paulo em apresentar a comunidade cristã como algo muito mais próximo do cidadão helênico - a família.

### **3. O NÚCLEO FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA PARA A IGREJA CRISTÃ**

O uso freqüente de termos relacionados à família no Novo Testamento, e particularmente os empregados por Paulo ao falar da igreja, merece destaque na elaboração de uma eclesiologia dos lares. As principais palavras gregas encontradas em suas cartas comumente em referência direta ou indireta à igreja são *oikos* e *oikia*, significando respectivamente “família” e “casa”. No entanto, tais palavras possuíam um significado muito distinto se comparado ao que se compreende atualmente. Para explicar o provável intuito de Paulo em associar freqüentemente a igreja com a família, se faz necessário uma elucidação melhor desses termos gregos, analisando então os seus significados no mundo greco-romano, e nos textos do Novo Testamento. A partir desse estudo então, poderá se pensar numa comunidade cristã nos lares nos dias atuais, levando em consideração o hiato histórico presente entre a família antiga e a família atual.

#### *3.1 O significado do oikos no mundo greco-romano*

Como já mencionado no capítulo anterior, tanto as famílias greco-romanas, quanto a judaica, possuíam características semelhantes. Ambas eram compostas de membros consanguíneos e também de escravos, empregados, órfãos, viúvas, estrangeiros e todos que possuíssem algum tipo de relação íntima, de ordem econômica ou social com o “cabeça do lar”. Entretanto, *oikos* poderia representar algo mais importante que um pequeno grupo de pessoas. O conjunto de *oikos* formava o eixo central da organização política e social do Estado. Como definição, “*oikos*” se resume na realidade social, econômica e política mais fundamental do mundo antigo. Significava a casa, o lar, a família, a linhagem, o lugar onde o indivíduo exerce seus direitos e responsabilidades, em que desfrutava sua liberdade e respeita a ordem coletiva.

O verbo grego *oiken* significa habitar, residir de modo permanente, estar em casa. O adjetivo *oikeios* se refere às coisas domésticas, relações de parentesco e àquilo que é privado. Esses e muitos outros termos correlatos em *oik* se referem a amigos e relacionamentos, laços de amizade e irmandade. Essa natureza e significado do *oikos* para o cidadão greco-romano serviram de base e modelo da vida social e política no mundo helênico. A *oikonomia* (termo do qual se origina a palavra economia) era a administração do *oikos*, necessária à sustentação da estrutura familiar, administração de bens e posses e conseqüente definição do *status* da família. Esse *status* é digno de nota no tocante que ele definiria como seria a relação entre as famílias naquela época.

A casa e a família eram os elementos sociais e psicológicos que promoviam e validavam uma ideologia de unidade interna no mundo greco-romano. Os papéis políticos, sociais e religiosos da família se apresentavam como agente socializador e regulador da vida do cidadão helênico, chegando a ser considerada como “governo em miniatura”.

J.H. Elliott em seu livro *Um lar para quem não tem casa*, resume toda a importância do *oikos* no mundo antigo:

*A família está ligada a todas as grandes crises e transições da vida. E o foco das relações mais íntimas, as que expressão mais profundamente e se testam mais amplamente a personalidade do homem e da mulher. E o agente primário do desenvolvimento dos hábitos vitais e atitudes vitais dos seres humanos. E o centro das mais impressionantes celebrações e ritos, os associados com o casamento, morte e iniciação da criança nas crenças e costumes da comunidade. E o lar, a casa, o lugar onde velhos e jovens devem aprender a fazer mudanças e adaptações para seus papéis sempre mutantes no ciclo da vida.*

### 3.2 O significado e a função do *oikos* no Novo Testamento

De maneira geral, pode-se dizer que o uso de *oikos* e seus parônimos no Novo Testamento são muito semelhantes ao uso secular. Fora do estudo particular do significado do termo em relação à igreja, as categorias nas quais *oikos* é empregado são normalmente referentes às várias formas de seu uso prático, como edifícios, moradias, residências, depósitos, armazéns, etc. No sentido étnico, nacional, ou dinástico, o termo *oikos* ocorre doze vezes no Novo Testamento para se referir à casa de Israel, de Jacó, de Judá, de Davi (Mt 10:6, 15:24, Lc. 1: 27,33,69, 2:4, At 2:36, 7:46, Hb 8:8-10). Menos freqüentemente ocorre em ligação à pátria, ao povo em si, à nação e à terra natal (Mt 13: 54,57, Mc 6:1-4, Lc 2:4). Porém, é na seleção de termos que fazem referência direta ou indireta à igreja que se encontra o uso do termo *oikos* e *oikia* como o “ponto de partida e ponto focal” do “movimento de Jesus” e subsequente dos crentes cristãos.” *Oikia*, no sentido literal de “casa” ou “edifício” aponta o lugar onde originou e desenvolveu o ministério<sup>22</sup> de Jesus e a missão dos primeiros cristãos. *Oikos* se refere a um grupo de pessoas, a casa ou a família, assim como o domicílio onde vivem, ou seja, é a “comunidade de base”, a qual se endereçava a mensagem salvífica. Dessa forma, as casas ou famílias constituíam o *focus*, *locus* e *nucleus* (foco, lugar e núcleo) do ministério e do movimento cristão.

As várias capacitações de ordem social, econômica e religiosa, incumbidas a casa ou família, servia ao movimento cristão como ocasião e modelo de organização, mobilização e proclamação da igreja iniciante. O respeito pela solidariedade e a prática da hospitalidade, marcas inerentes a casa ou à família, manifestavam exatamente a consciência comunitária do novo movimento. Não é por acaso que a família tenha influenciado também a forma de organização da igreja primitiva, bem como suas funções de liderança e autoridade, assim como seus padrões de relacionamento e comunhão. Os cristãos antigos eram encorajados a considerar sua nova identidade comunitária e sua nova vida social a partir de uma conduta determinada pelo fato de serem “membros da família da fé” (*oikeioi tes pisteos*: Gl 6:10). Todos os crentes, gregos ou judeus, eram “membros da casa/família de Deus” (*oikeioi tou theou*: Ef 2:19). Todas as casas / famílias crentes constituíam não um conjunto de famílias, mas uma única “casa/família de Deus” (I Tm 3:15; cf. 3:4,5; Hb 3:6; 1Pd 2:5; 4:17).

O papel dos “chefes das casas” também foi importante para legitimar e eleger a liderança na comunidade cristã, principalmente em nível local. Devido ao *status* já existente dessas pessoas nas casas usadas para a liturgia e o culto dos cristãos, elas eram as mais indicadas para assumir as responsabilidades de ajuda material, hospitalidade e administração dos projetos e dos recursos das comunidades. Presume-se então que Áquila e Priscila em Éfeso (I Cor 16:19), Ninfa em Laodiceia (Cl 4:15), Febe e Cêncreas (Rm 16: 1,2), e Gaio, juntamente com Estéfanos em Corinto (Rm. 16 23,24), ao hospedarem em suas casas as respectivas comunidades cristãs, tenham exercido também outras funções de liderança cristã. A conduta do administrador da casa (*oikonomos*) também gerou interesse para a comunidade cristã iniciante, servindo como exemplo de comportamento e responsabilidade. A conduta do *oikonomos* também é usada para tipificar a forma de como os cristãos iriam administrar tanto as coisas materiais, quanto às necessidades espirituais da comunidade. Todos os cristãos recebem dons espirituais, dados pela graça divina e devem usá-los como “féis administradores da casa” (*oikonomos*) (I Pd 4:10, tradução própria). O apóstolo Paulo queria ser considerado juntamente com Apolo e Céfias (I Cor 3:22), como servos de Cristo e administradores (*oikonomos*) dos mistérios de Deus (I Cor 4:1). Em Tito 1:5-10, é determinado que os líderes da igreja deveriam exercer sua função de administradores da família de Deus observando as qualidades que assegurassem a boa administração de suas próprias famílias. É também

evidente que a casa ou família exerceu forte influência não só na estrutura e na organização da igreja cristã primitiva, mas também sobre suas perspectivas teológicas e na sua *práxis* cristã. Eliott observa que “ A *oikonomia tou theou*, a “administração da casa de Deus”, podia ser usada não só para descrever a responsabilidade de Paulo e o seu serviço para a comunidade (Cl 1:25; cf. I Cor 9:17; Ef 3:2; 1Tm 1:4),... mas também poderia ser empregado para simbolizar os desígnios de Deus para a redenção humana, o plano e o processo da salvação divina (Ef 1:9-10; 3:9-10).

Para Paulo, a formação de uma nova família da fé era parte de um processo de transposição de barreiras, sejam elas morais ou sociais, pela qual se superava diferenças, e diversas classes se uniam formando uma só ordem de valores. Uma breve análise do capítulo 2 de Efésios, a partir do verso 11 até o verso 22, deixa clara a intenção do autor em demonstrar que “o muro divisório” que existia entre judeus e gentios foi abolido, surgindo então a possibilidade clara e efetiva da formação de uma única família, fora de um contexto meramente étnico ou cultural, antes espiritual, com implicações e resultados sociais. O uso freqüente de termos correlatos à palavra *oikos* no capítulo 2 da carta, especialmente a partir do verso 19, possivelmente reflete o quão importante era associar a casa ou a família às implicações que acarretariam o “nascer de novo” do crente. Uma observação do texto se faz necessária nesse momento:

“Assim, vocês não são mais estrangeiros e forasteiros (*paraoikoi*), mas são concidadãos dos santos e membros da família de Deus (*oikos tou teou*), tendo sido edificadas (*epoikodountes*) sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, onde Cristo Jesus tem sido ele mesmo, pedra angular, no qual toda construção (*oikodome*) é ajustada e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo co-edificados (*sunoikodomeiste*) para se tornarem morada (*katoiketerion*) de Deus por seu Espírito”.

Aqueles que criam em Jesus, imediatamente eram inseridos na grande família de Deus e pertencer a essa “casa” acarretaria ao membro um relacionamento íntimo e familiar. Os *oikeioi* de Deus são os “filhos” e “filhas” do Pai. Pelo novo laço da fé, eles se tornam “irmãs” (*adelphai*) e “irmãos” (*adelphoi*) do Senhor e no Senhor. Da mesma forma, Paulo descreve a salvação - admissão à família de Deus, usando um termo comum ao contexto familiar de sua época. Essa perfilhação se dava a partir de uma “adoção filial”: “Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos “Aba” Pai. (Romanos 8 :15) É relevante a importância do significado da casa e família para a missão, crescimento, organização e autocompreensão do movimento cristão iniciante. Com a família em foco e a comunidade sendo identificada como *oikos* de Deus, percebe-se uma correlação da realidade social e da reflexão teológica, ou seja, de teologia e *práxis*. Do ponto de vista prático, era a conversão de famílias que tornava possível o rápido crescimento, a mobilidade e a extensão da igreja. A manutenção dos missionários itinerantes, a hospedagem dos estrangeiros, o cuidado dos necessitados, a reunião dos adoradores e a auto-suficiência econômica do movimento, tudo isso se tornava possível pela crescente rede de casas cristãs. Para os “sem-pátria”, forasteiros e carentes, ser recebido por uma casa ou família, implicava em deixar suas antigas posições sociais, e tornarem-se irmãos; aspecto que fornecia importante consciência de acolhimento e integração social. *Oikos* fornecia um “símbolo de identidade comunitária e a base do *ethos* do ser humano na época do início da igreja cristã. A ele, vincula-se a experiência universal do lar (ou família) como forma básica da vida social, o que provavelmente justificava a regular citação da “família” nas tradições sagradas cristãs e judaicas como imagem central da unificação humana, bem como sua versatilidade semântica, que propiciava a combinação de varias ilustrações que identificam a identidade comunitária do movimento cristão. Possuía também um reflexo imediato nas necessidades econômicas e sociais diárias, daí tem-se a incorporação do termo “ao nível emocional, psicológico, da memória universal e do anseio por um lar” inerentes a qualquer ser humano, independente de religião, cultura ou época.

*3.3 A possibilidade de comparação de aspectos do primeiro século com os dias atuais e sua relevância para a igreja de hoje*

Para se pensar num modelo eclesial que resgate a família como paradigma para a igreja hodierna, é importante levar em consideração algumas mudanças sociais, culturais e religiosas no decorrer da história, efetivadas na sociedade “pós-moderna”. Como bem destaca Howard Snyder em seu livro *Vinho Novo, Odres Novos*, “a igreja no século XXI deve olhar bem em que tipo de mundo ela está vivendo”. O “mundo emancipado” (expressão de Dietrich Bonhoeffer em seu livro *Resistência e Submissão*) cuidou de afastar o homem de aspectos inerentes à natureza humana, como a necessidade de viver em comunidade. Essa emancipação valorizou a individualidade em detrimento da união da família. Um fato observado por Howard Snyder em seu livro “Vinho Novo, Odres Novos” se torna interessante se analisado a partir da compreensão da família antiga e de sua importância para a igreja. O fato é que, para Snyder, a história fez algo que ele identifica como “o círculo completo”. O “espírito” do mundo romano do primeiro século está novamente presente nos dias atuais<sup>34</sup>. Como respaldo para seu pensamento, Snyder cita E. M. Blaiklock que afirma: “De todos os séculos, o vigésimo é o mais parecido com o primeiro: dominado por cidades, oprimido pela tirania, destruído pelas crises geradas pelo homem contra si mesmo e a natureza”.

Compreendendo essa possibilidade de comparação do primeiro século com o atual, é possível traçar também, aquilo que Snyder acredita ter possibilitado o crescimento do movimento cristão em seu início. Citando o historiador Adolf Harnack, Snyder destaca:

*“Várias condições do primeiro século ajudaram de modo especial o crescimento do cristianismo primitivo. Dentre elas pode se destacar:” a mistura de diferentes nacionalidades”, “a relativa unidade da língua e das idéias”, “a convicção prática e teórica quanto a unidade essencial” da humanidade e a crescente popularidade de uma filosofia mística da religião com um intenso desejo por alguma forma de revelação e sede por milagres”.*

Dessa forma, os aspectos da atualidade pontuados por Snyder como sendo semelhantes aos aspectos do primeiro século são:

1) *Um mundo essencialmente urbano, com as cidades desempenhando o papel cultural principal.* O livro de Atos demonstra bem o aspecto urbano da missão cristã iniciante, bem como o endereçamento das cartas de Paulo a cidades e regiões específicas, sinalizando a importância que as cidades tinham no desenvolvimento da igreja. Da mesma forma, na pós-modernidade, a urbanização é um fenômeno intensamente presente, e a vida cotidiana da cidade já é tão comum às pessoas que o fato dispensa mais comentários.

2) *A disseminação de uma cultura e língua predominantes por todo o mundo.* A cultura grega dominou o mundo romano no primeiro século. Por todo o império, o grego era a segunda língua comum. Idealismos gregos foram adotados em quase todas as províncias romanas. Crianças romanas eram educadas em grego. Atualmente, o conceito da *globalização* reflete bem esse aspecto da disseminação de uma cultura única. É inegável que a cultura ocidental influencia em vários aspectos todos os continentes e a língua inglesa é considerada “língua universal”. A América é um dos maiores exportadores de inovações tecnológicas e de novidades culturais.

3) *Viagens internacionais e intercâmbios culturais.* As estradas romanas do primeiro século são conhecidas pelo fato de proporcionarem um avanço do comércio e um intercâmbio de aspectos culturais por todo o império. Conhecimentos e informações se multiplicavam rapidamente. Na atualidade, porém em um nível global, nunca foi tão fácil e seguro fazer viagens nacionais e internacionais, e os meios de comunicação em massa são as principais vias de troca de informações entre os países.

4) *Cosmologias religiosas e filosóficas “relativizadas”, a ascensão de novas religiões; um ateísmo prático e descrença em deuses, associado ao misticismo existencial.* Talvez seja essa a característica do primeiro século mais importante para a fé cristã iniciante. Havia naquela época basicamente duas tendências distintas em relação à religiosidade do povo. Primeira, um ateísmo prático resultante de uma forte reação dos pensadores populares contra as religiões tradicionais e seus deuses, já vistos como “devassos, cruéis, mentirosos e promovedores de guerras. Similarmente, hoje se observa um crescente desencanto com as religiões e ideologias

tradicionais, manifestado no “colapso do comunismo”, no abandono de crenças tradicionais na África e no Oriente, e a reação contra o cristianismo institucional no Ocidente. A segunda tendência é vista no “fermentamento ético-religioso” presente no primeiro século contribuiu para a adesão de cultos com apelos emocionais como a adoração às deusas Cibele, Ísis e Mitras repletos de elementos emotivos, músicas, banquetes e até mesmo, atos sexuais. Michael Green em seu livro *Evangelização na Igreja Primitiva* também destaca que “no primeiro século d.C., o mundo greco-romano estava inundado de religiões de “mistério”... juntamente com a ascensão da popularidade da pseudociência da astrologia ocorrida no último século antes de Cristo<sup>38</sup>. Da mesma forma, um interesse por religiões orientais, o ressurgimento de algumas seitas budistas e hinduístas no Ocidente, a expansão do espiritismo no Brasil e outros movimentos religiosos com apelos “emocionais” são os sinais de que no mundo atual, há uma subjetividade e uma pluralidade religiosa sem precedentes desde do primeiro século.

5) *Degradação moral*. Os tempos romanos foram momentos de extrema degradação de valores da sociedade. A imoralidade sexual, a violência e a barbaridade das guerras, juntamente com a prática explícita do homossexualismo, foram marcas presentes em todo o império. Não obstante, atualmente percebe-se uma decadência moral da sociedade que não tem paralelos desde os tempos romanos. Paralelo com as semelhanças, também é possível observar diferenças entre os dias atuais e o primeiro século. Uma das distinções é o fato de que, enquanto o império Romano vivia numa época pré-cristã, hoje, tem-se um desenvolvimento de aproximadamente vinte séculos de história cristã, e esse processo deve ser considerado quando a questão é se pensar num modelo eclesial para os dias de hoje. Também, tem-se atualmente um desenvolvimento tecnológico muito além do observado no primeiro século. Tal desenvolvimento abre novas possibilidades como, por exemplo, de um “evangelismo digital”, fazendo uso a internet. Outro aspecto importante é que se tem hoje uma missão cristã em nível global, diferentemente do primeiro século (em que a referência geográfica era reduzida em comparação com a atual) não se limitando apenas a uma região específica, a um povo ou apenas a uma cultura. Isso resulta numa forma de igreja que leva em consideração os aspectos sociais e culturais do local onde se encontra.

Contudo, é nesse ambiente atual no qual percebe-se notável semelhança com os tempos do Novo Testamento, que é possível pensar no surgimento de uma igreja com a “energia do Novo Testamento”. Dessa forma, resgatar a “igreja família” com os valores de unidade, acolhimento, submissão e serviço do *oikos* do primeiro século e que tem os lares como ponto de partida para a vida cristã, se torna uma proposta efetiva para os dias atuais.

#### **4. A IGREJA NOS LARES, UMA PROPOSTA DE UMA IGREJA-FAMÍLIA NOS DIAS ATUAIS.**

A formação de uma comunidade cristã nos lares, bem como uma proposta de uma igreja-família para hoje deve passar pela análise daquilo que se compreende por família na atualidade e suas implicações psicológicas e sociais. O *modus faciendi* [modo de viver] da igreja na sociedade contemporânea reflete o que seus membros compreendem a respeito da vida, e de suas vidas, nos âmbitos morais, sociais e religiosos. Ter um paradigma é importante para se definir esse *modus faciendi* o que traçará o *modus vivendi* do cristão atual. Por ser algo dinâmico e apresentar-se de diversas formas em culturas e sociedades diferentes, é difícil traçar uma definição da “família” que possibilite uma análise, controle e previsão daquilo que ela reflete. Mas é inegável o fato de que o simples pronunciar do termo evoca nos seres humanos imagens e sentimentos que os remetem a um lugar seguro, às brincadeiras da infância, da casa, da rua, festas e tradições que perduram pelo tempo. A partir da vivência pessoal é que se terá uma melhor compreensão do significado da família.

Assim também, a “teologia” e a “eclesiologia” dos primeiros cristãos foi feita, a partir da *práxis* cristã nos seus lares, nas simples reuniões domésticas, nos jantares e festas coletivas e nos seus conceitos de vida, sociedade e família. É pensando nos bons valores e nas boas características da família dos tempos de Paulo e dos cristãos iniciantes, que se terá o objeto de comparação, uma metáfora, definida nesse estudo como o *Oikos*, ou a partir desse momento, a “família cristã”. A identificação da igreja como “família” influenciou a formação da comunidade cristã iniciante e pode, de forma bastante positiva, traçar uma renovação para igreja atual. Sabe-se, porém, que o conceito de família atual se difere em muito do *oikos* do primeiro século, o que gera um desafio para a formação de uma igreja nos lares hoje.

#### 4.1 A família na pós-modernidade e algumas de suas implicações

Como já exposto, Paulo encontrou na família greco-romana uma referência de valores para a igreja. Cumplicidade, unidade, fraternidade, zelo, submissão, respeito e reverência ao “cabeça” do lar, eram atributos da identidade que se desenvolvia a partir dos laços de irmandade e amizade dos indivíduos membros. Essa era a dinâmica que Paulo quis para as igrejas de seu círculo, algo que ele demonstrou freqüentemente em suas cartas.

No entanto, as características mais evidentes e generalizáveis percebidas hoje nas famílias pós-modernas não poderiam ser reforçadas como valores de referência para o cristianismo atual. A unidade da família tem cedido lugar paulatinamente aos rearranjos oriundos de divórcios e “recasamentos”. Novas formas de parentesco são inseridas devido às cada vez mais peculiares recombinações de relações. A falta de novos termos tem sido considerada na medida que não se sabe como classificar os novos papéis. Paralela a essa mudança percebe-se que não há mais tantas normas que regulem o comportamento dos indivíduos, antes, as relações que eles estabelecem na pós – modernidade são pautadas cada vez mais naquilo que a própria relação pode oferecer, podendo se desfazer na medida que deixa de ser interessante manter aquele vínculo.

Acrescenta-se também, que mudanças sociais significativas, como projetos emancipatórios tal como o movimento feminista afetou e alterou as relações familiares. Mudaram as perspectivas de “papéis” e “funções” que cada indivíduo deveria exercer. Abriram o leque de oportunidades e “desencaixaram” as relações preestabelecidas. Em lugar das predefinições da tradição, o projeto individual de cada um organiza as posições escolhidas e as relações de interesse particular. A presença da individualidade como parâmetro pós – moderno abre espaço para o conflito familiar que não ocorria em um espaço de limites predeterminados.

Esse conflito acontece na medida que os “papéis” a que cada um deveria corresponder são alvos de negociações entre todos e expressam escolhas pessoais de cada um. São essas “escolhas angustiantes” que cada um está submetido num espaço bem mais aberto (quando comparado à tradição) que a identidade pessoal e afirmada e definida. O que se percebe, portanto, é que a família pós – moderna, de maneira geral, devido a mudanças sociais que influenciaram o âmbito particular e dele também decorreram, se caracteriza muito mais por um agregado de indivíduos envolvidos com sua própria trajetória de vida que por um núcleo coeso em que a identidade coletiva tem suma importância na tomada de decisões e constituição desses indivíduos. Isso não significa que a família não tem importância para as pessoas hoje, mas quer dizer que a manutenção dela está dependente do interesse dos indivíduos muito mais que eles dependentes dela. Dessa forma, a família contemporânea se perdeu nesse emaranhado de associações e dissociações de seus laços e valores. Não faz parte do objetivo desse estudo diagnosticar as patologias da família atual, pois ele se limita em observar alguns valores do *oikos* antigo e refletir a respeito de uma “ecclésia com valores familiares”. Fica proposto então a oportunidade de se fazer um estudo posterior, analisando a aplicação dos valores cristãos na família atual – uma “família com valores eclesiais”.

#### 4.2 Alguns aspectos da trajetória da igreja cristã – dos lares para a institucionalização

A comunidade cristã deu um sentido mais amplo à família, e trouxe esperança àqueles que tinham sido excluídos de suas próprias casas e colocados à margem da sociedade - pobres, estrangeiros, órfãos e viúvas. O movimento cristão foi uma resposta à condição social das pessoas, à maneira como elas viviam naquele contexto. A redefinição e reestruturação que os crentes fizeram dos laços e valores familiares foram importantes aspectos de seu conflito com a sociedade antiga. Pensa-se, freqüentemente no conflito entre os cristãos e a sociedade antiga a partir da ótica do Estado contra a Igreja. Entretanto, como bem destaca Eliott:

*“Não deveríamos duvidar jamais que o conflito entre o cristianismo e o Estado romano de fato existiu, tornando-se com freqüência muito intenso, com execuções, torturas, tendo às vezes ocorridos espetáculos públicos de humilhação...”*

*Mesmo assim, devemos considerar ainda outro tipo de conflito... o de valores e de compromissos a um nível de fato inferior ao da política, mas de muitas formas mais intenso e de penetração bem mais*

*profunda nos aspectos psicológicos do proselitismo cristão, um conflito sobre o que raramente se pensa na história convencional do cristianismo: o conflito entre o cristianismo e a família romana”.*

Apesar dos governantes tentarem promover uma ideologia de unidade no mundo greco-romano, a sociedade da época estava profundamente desconjugada pelo impacto das guerras, depressão e desligamento de velhas tradições e estruturas. Entretanto, a igreja cristã surge, no primeiro século, como uma resposta à alienação e insegurança da época, pois sua mensagem ou suas boas notícias consistia precisamente em apontar um lugar de refúgio comunitário. Paralelo ao desenvolvimento histórico da igreja cristã, ocorreu também uma série de mudanças nos valores paradigmáticos do cristianismo primitivo, conseqüentemente afastando o cristão do ambiente no qual o movimento se iniciou - as casas e os lares. Evidências arqueológicas e literárias dos séculos II e III apontam para esse crescimento da igreja para longe da família particular. Até a metade do século II, residências particulares continuavam servindo como lugar de reunião para as comunidades da cidade. A partir de cerca de 150 d.C., se percebe alterações e adaptações de residências para uso exclusivo da igreja. Tais edifícios posteriormente eram considerados a “própria igreja” e logo levaram seu nome.

Em 323 d.C., o imperador romano Constantino idealizou a cidade de Constantinopla, antiga Bizâncio, fundada pelos gregos no século VII a.C. Ele projetou uma cidade gigantesca, a qual chamava de “Nova Roma”. Quando Constantino se *converteu* ao cristianismo no ano de 312, declarando em seguida no edito de Milão, o cristianismo como religião estatal do Império Romano, os cristãos o consideraram um redentor. Locais específicos para a reunião dos cristãos foram construídos, assim em Constantinopla foi inaugurado o primeiro templo cristão. Porém, a associação igreja-Estado trouxe conseqüências severas para o cristianismo. Inevitavelmente, por volta dos anos 380 d.C. os imperadores Teodósio e Graciano aboliram a liberdade de religião e ordenaram que devesse haver uma única igreja ortodoxa legitimada pelo Estado, bem como um único sistema doutrinário válido, o dogma ortodoxo. Cada cidadão romano foi forçado a tornar-se membro da igreja e crer na *lex fidei*, a lei da fé. Outros grupos e movimentos foram proibidos, inclusive os que continuavam a reunindo em casas. Um sínodo em Laodicéia ocorrido em algum período entre 360 e 370 d.C. decretou: “Os sacramentos não devem ser mais oferecidos pelos bispos ou anciãos nos lares” (Cânon 58). Wolfgan Simson em seu livro *Casas que transformam o mundo* declara: “Desse momento em diante, reunir-se em igrejas nos lares significava uma nítida desobediência à lei, um ato criminoso. Assim começava uma nova era: a perseguição da igreja em nome da igreja”. A história da igreja institucional prossegue, e a proibição de Laodicéia completa o “círculo crítico”. A ceia do Senhor mudara-se de uma refeição noturna doméstica para um ritual estilizado. A assembléia saiu da sala de jantar e foi para um salão “sagrado”. A liderança dos membros da família foi substituída por um clero especial. Esse caminho das casas para a basílica resume a dialética entre a visão iniciante da igreja e sua adaptação posterior, uma dialética entre as Escrituras e a tradição. O julgamento dos valores de tal trajetória está além do escopo desse estudo, porém, é inegável o fato de que, frente ao engessamento da igreja, um movimento de renovação e reforma se fez necessário.

#### *4.3 Ecclesia reformata, semper reformanda*

Uma proposta de paradigma para a igreja deve ser avaliada a partir de um critério fundamental que poderia ser identificado como “princípio da reforma” que define: as formas existentes de uma igreja não são aceitas como sacrossantas, mas radicalmente questionadas em termos de seu significado e efeito. Essa deve ser a marca de qualquer proposta de reforma da igreja. Quando Martinho Lutero redigiu suas 95 teses, iniciava-se um movimento historicamente conhecido como a Reforma Protestante. Sua atitude produziu uma transformação teológica divisora de águas na história eclesiástica. O que começou com a análise exegética de Lutero a respeito da “justificação do pecador” culminou no início de uma nova era para a igreja cristã. O fato de a Bíblia ser colocada novamente na mão do povo abriu possibilidades de um desenvolvimento da igreja a partir de novas reflexões, entretanto, Lutero, em princípio, não tinha em mente (pelo menos como prioridade) uma reforma “estrutural” da igreja. Christian Schwarz em seu livro *Mudança de Paradigma na Igreja* destaca três momentos de reforma: primeiro, a reforma teológica de Lutero; segundo, a reforma da espiritualidade pelo Pietismo e por fim, uma terceira reforma, tarefa da igreja de hoje, com ênfase na questão estrutural.

A ênfase na questão estrutural não quer dizer que as reformas anteriores não

são importantes, pelo contrário, não se poderia pensar numa nova estrutura para a igreja se ela não estivesse fundamentada teologicamente e dinamizada por uma espiritualidade sadia. Os valores que podem ser observados na vida dos primeiros cristãos são atemporais enquanto prescrições da conduta dos seguidores de Jesus. Depreende-se, além disso, que não é necessário nem criar um novo modelo de igreja ou um formato inovador de reunião nem transpor o modelo dos primeiros cristãos para os dias atuais. Criar um formato institucional singular que não fosse oriundo da própria mudança da sociedade seria sinônimo de tentar enquadrar experiências “externas” que podem resultar numa versão ainda maior do que a que já existe com a igreja institucionalizada hoje. Já importar o modelo da igreja primitiva é expor os fiéis a se adequarem a um estilo de comportamento e a um hábito que funcionou num contexto específico, que guardava suas particularidades. Isso significa inclusive que experiências de funcionamento e de organização de um determinado lugar não obrigatoriamente servem para outro. As sociedades e os grupos se diferenciam ao longo do tempo e desenvolvem características singulares que precisam ser consideradas. Portanto, assim como os valores cristãos são universais, sua expressão é contextualizada culturalmente. Isso pode ser percebido em toda a Bíblia, assim como é observado nos dias de hoje. Tanto épocas quanto sociedades diferentes guardam peculiaridades diversas, como os lugares mais freqüentados, a organização e os valores sociais, a importância do grupo de convivência e do trabalho, e as relações entre os gêneros e suas repercussões.

Ao resgatar para a concepção da igreja de hoje os verdadeiros valores alicerçados por Cristo, há que se compreender que eles “caem” em um mundo pósmoderno conflituoso e individualizado, com hábitos e rotinas diferentes das vivenciadas pelos primeiros cristãos. O que deve ser ressaltado nesse ponto, portanto, é que os preceitos cristãos devem invadir os valores presentes no mundo atual, mas ao serem solidificados pela igreja podem e precisam conservar as características locais do espaço em que se desenvolveram. São valores do cristianismo enquanto estilo de vida – amor a Deus, amor ao próximo, respeito, submissão mútua, unidade, serviço, companheirismo, pureza, perdão, santidade humildade, disposição, entre outros. Esses atributos podem ser conciliados com características sociais vigentes hoje como a informalidade, a diversidade cultural, de gostos, de músicas, de roupas, de linguagem, etc. O que deve ser considerado, portanto, é a possibilidade de se viver os valores cristãos e expressá-los através de um viés cultural. Parte do Relatório de Pattaya, realizado em junho de 1980, sob o patrocínio da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, pontua o seguinte:

*“Incumbe aos líderes da igreja planejar o culto e proclamar a Palavra dentro do contexto do mundo, na linguagem de hoje e com a esperança do amanhã. O evangelho cristão fala ao homem de maneira toda especial, e preenche suas necessidades. Contudo, o evangelho estará sempre em forte contraste com a sabedoria do mundo. Precisamos usar todas as formas e meios de proclamação do evangelho cristão, que permitam que a mensagem seja bíblicamente exata e relevante para o contexto cultural que vivemos.”*

Mais uma vez se percebe que não se trata de fazer aflorar um sincretismo dos parâmetros de Cristo com os seculares, mas sim de entender que é possível e preciso considerar na vivência do evangelho os aspectos sócio-culturais que formatam parte da identidade das pessoas<sup>56</sup>. Não há a necessidade de se preocupar com a adesão a determinado modelo de igreja, bem sucedido em determinada região ou ensinado por este ou aquele missionário. Basta observar com atenção, a vida dos primeiros cristãos e o que a Bíblia diz a respeito deles. A liturgia, a liderança, evangelização e sacramentos praticados pelos primeiros cristãos não precisam hoje, ser adaptados ao modelo da igreja nos lares, justamente pelo fato da práxis cristã da igreja iniciante ser desenvolvida a partir da realidade familiar de seus membros. Há sim, uma necessidade de contextualização desta prática com os dias atuais. Formar a igreja de hoje a partir do estudo da vida dos primeiros cristãos não significa necessariamente viver como eles viveram. Isso seria um erro, pois desconsideraria o abismo cultural e temporal entre a igreja de hoje e a igreja do Novo Testamento. Uma estrutura simples é proposta nesse estudo, a igreja nos lares seria o caminho mais natural, e os grupos pequenos seriam uma eficiente forma de organização da igreja local.

#### *4.4 A igreja nos lares: a práxis cristã a partir de reuniões domésticas*

“Uma igreja no lar é vida comunitária de cristãos conduzida por força sobrenatural em casas bem normais.” Essa é uma breve definição de Wolfgang Simson e seu livro *Casas que transformam o mundo*. A igreja nos lares é fruto de uma opção de cristãos que anseiam por um estilo de vida simples e ao mesmo tempo concreto. Apesar de conduzida por aquilo que Simson identifica por “sobrenatural”, a vida cristã nos lares é alicerçada por algo bem natural, a família. O lar é onde a família acontece, onde os filhos são criados, os laços são fortalecidos e os conflitos são resolvidos. É nas casas que se fazem refeições em conjunto e onde se olha nos olhos e a partilha seja ela de qualquer ordem, acontece. Não se vive mais uma vida individual, o respeito e o amor ao próximo é algo intrinsecamente necessário para aqueles que querem viver compartilhando a mesma casa. A vida cristã a partir dos lares hoje é uma declaração do cristão que ele não foi criado para experimentar Jesus Cristo e seu Espírito apenas em recintos “sagrados” reservados para essa finalidade, mas sim, no meio de sua vida cotidiana.

Quando um cristão “abre” sua casa para a igreja, ele coloca a disposição parte importante de sua vida particular, submetendo tanto seus bens como a intimidade familiar no qual ele se encontra. Uma igreja no lar constitui uma família extensa, “espiritual”, na qual se partilha a vida de modo espontâneo, não requerendo mais organização, burocracia e cerimônias além do que as famílias extensas já possuem.

#### 4.4.1 O grupo pequeno como expressão das igrejas nos lares

Um grupo pequeno de oito a doze pessoas que se reúnem informalmente nas casas é considerado por Howard Snyder como “a estrutura mais eficaz para a comunicação do evangelho em nossa sociedade *high-tech*”. Num mundo urbano como o atual, os cultos tradicionais e os programas institucionais da igreja evangélica já não estão mais suprimindo a expectativa do cristão de uma vida comunitária verdadeira e um discipulado que seja menos de “púlpito” e mais de caminhada. No aspecto prático, grupos pequenos dão mais dinamismo à igreja e mais esperança para a descoberta e uso dos dons espirituais e uma renovação da igreja na sociedade.

Algumas das vantagens dos grupos pequenos e caseiros podem ser enumeradas com precisão:

1. *Possuem flexibilidade e mobilidade.* Um grupo pequeno pode ser facilmente mudado para alcançar objetivos diferentes ou enfrentar novos desafios. Sua informalidade permite uma livre definição do local, horário e duração dos encontros. Apesar dos lares serem nesse estudo, ponto de partida para a vida cristã, não quer dizer necessariamente que as casas são os únicos locais possíveis de reuniões e encontros da igreja. Hoje, a sociedade passa maior parte do seu tempo justamente fora de casa devido ao trabalho, lazer ou aspectos específicos da vida cotidiana do cidadão urbano. A igreja deve levar em consideração essa “mobilidade social” e deve ser também flexível. Tal flexibilidade se encaixa perfeitamente na natureza “itinerante” da igreja cristã. A comunidade poderia perfeitamente se encontrar numa casa, numa loja, escritório, praça, restaurante ou em qualquer local onde possam se reunir pessoas.

2. *São inclusivos e terapêuticos.* Um grupo pequeno pode demonstrar uma facilidade de inclusão de novos membros justamente pelo fato das pessoas carecerem hoje de relacionamentos menos impessoais. Quando uma pessoa participa de uma reunião de um grupo (não necessariamente homogêneo), com os mesmos princípios e objetivos de vida, faz com que tal pessoa se sinta parte desse grupo, se considere bem vinda e se torne útil para os outros membros. A falta de relacionamentos hoje é uma das maiores causas de depressão, suicídios e problemas de ordem psicológica<sup>60</sup>. A igreja pode se apresentar como cura a essa carência relacional justamente propondo relacionamentos sólidos e duradouros. É verdade que o contrário também possa acontecer, pois o grupo pequeno pode se tornar exclusivista e fechado em si mesmo. Porém, se pautado nos valores da “família cristã”, o grupo pequeno pode ter esperança de que as barreiras sociais, culturais e raciais sejam quebradas.

3. *Podem ser eficazes na evangelização e crescerem por multiplicação.* O grupo pequeno se torna um eficiente meio de evangelização quando dá a igreja uma característica mais “familiar” e menos “institucional”. A imagem de uma instituição pode afastar diversos tipos de pessoas que se sentiriam como “peixes fora d’água” em ambientes que exigem o cumprimento de certas

normas e comportamentos meramente institucionais. Já nos lares, em grupos pequenos, as pessoas se sentem literalmente “em casa” e uma proclamação do evangelho nesse ambiente pode ser mais efetiva, considerando a abertura que se terá tanto dos membros efetivos quanto aos convidados.

Essa característica informal e inclusiva dos grupos pequenos pode proporcionar um crescimento numérico considerável da igreja. Para que não se perca sua característica de “pequeno” surge a necessidade de multiplicação dos grupos. Aquilo que era prejudicial em igrejas institucionais se torna benefício nas comunidades domésticas. A possibilidade de formação de novas comunidades criadas a partir de outras é algo efetivo na evangelização e no crescimento da igreja como um todo. Novas famílias são alcançadas e novas casas são incluídas numa possível formação de uma “rede” de comunidades domésticas, o que se torna um incentivo para a formação de uma “igreja da cidade”. Além disso, é possível dizer que assim, tem-se a igreja indo até o povo, não mais o povo indo até a igreja.

#### *4.4.2 Alguns aspectos práticos das igrejas nos lares*

É importante, mesmo que brevemente, elucidar alguns aspectos práticos e valores do modelo eclesial apresentado nesse estudo: a igreja doméstica. A liturgia, liderança, disciplina e outros aspectos da igreja podem se tornar desafios para aqueles que desejam optar pela vida cristã simples, que não depende de uma organização institucional maior, e que tem nos lares, seu principal local de encontro, para o estudo da palavra, desenvolvimento de relacionamentos, adoração e a partilha, seja de dons espirituais ou bens materiais. Segue então a apresentação de alguns aspectos práticos que são pontuados a seguir:

□ *Um grupo familiar ou uma célula não é uma igreja nos lares.* Conhecidos popularmente como “grupos de comunhão”, “grupos familiares”, “grupos de estudo da Bíblia”, “grupos de oração”, “células”, aparentemente possuem uma estrutura que pode parecer semelhante à igreja nos lares. Entretanto, tais grupos constituem uma pequena parcela, um apêndice da “verdadeira igreja grande”, enquanto a igreja no lar é efetivamente uma “verdadeira igreja”, no sentido pleno e integral da palavra, constituída e guiada pelo Espírito, sob a autoridade de lideranças instituídas por Deus, e apta para celebrar os sacramentos cristãos.

□ *Liderança.* A questão da liderança da igreja é bastante ampla e complexa, pois envolve uma série de desdobramentos doutrinários e históricos, bem como uma vasta gama de compreensões e tradições. A dicotomia “clero-leigo”, herança do catolicismo romano pré-reforma é um dos principais obstáculos que impede que a igreja seja, de maneira efetiva, o agente divino do reino hoje. Pensar dessa forma cria a falsa idéia de que só “homens santos”, ou seja, ministros ordenados, são realmente qualificados e responsáveis pela liderança da igreja. Como um dos objetivos desse estudo é fazer apenas uma breve elucidação prática do funcionamento das igrejas nos lares, não haverá aqui uma abordagem exaustiva sobre o tema “liderança eclesial”. Toda tentativa de se estabelecer um padrão de liderança para a igreja deve passar pelo crivo bíblico e ser estabelecida de acordo com as exigências feitas aos líderes pelas Escrituras. A liderança na igreja, desse modo, é baseada em nos dons espirituais. Existem três importantes ensinamentos extraídos do Novo Testamento e que podem ser aplicados hoje: 1) Deus providenciava os líderes necessários para a edificação, ensino e estabelecimento de novas comunidades, 2) essa liderança era vista em termos de dons espirituais e 3) havia flexibilidade e fluidez na maneira pela qual as funções de liderança operavam e eram compreendidas. Igrejas nos lares não têm dirigentes, e sim presbíteros. Ou seja, num sentido técnico elas são conduzidas espiritualmente de forma maternal e paternal, assim como os pais conduzem suas famílias. Essa definição é dada por Wolfgang Simson como tentativa de se identificar a liderança nas comunidades cristãs domésticas. Em geral, os presbíteros são pessoas responsáveis e maduras na sociedade e devem corresponder ao padrão bíblico (1Tm. 3). Maduros não necessariamente em idade, mas na fé e na prática cristã e que possuam boas referências familiares e sociais. A função daquele que lidera uma comunidade doméstica é basicamente servir aos outros membros com seus dons espirituais e talentos e serem “mediadores” nas reuniões. Não deve haver nenhuma tentativa de se definir uma hierarquia dentro da comunidade, haja vista que os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos não fizeram tal coisa. A característica particular de cada comunidade pode traçar outras diretrizes que sejam relevantes ao contexto no qual ela se encontra, desde que tais aspectos estejam de acordo com o ensino Bíblico.

□ *Liturgia e comunhão.* A palavra grega *leitourgia* pode ser traduzida por “culto”, “adoração” e dá origem a palavra “liturgia”. A liturgia da igreja vai muito além de programas institucionais ou “cartilhas” de organização do culto. Ela é parte fundamental da vida da comunidade cristã que desempenha o serviço da adoração a Deus não somente por meio de atos de adoração, mas mediante um estilo de vida de louvor a Deus. Adoração significa, portanto, mais do que “cultos” de adoração. A igreja existe para ter uma *vida* de adoração. Essa vida, porém, adquire intensidade quando há uma celebração semanal (ou mesmodiária, dependendo da disponibilidade) em conjunto. É certo que cada cristão pode adorar a Deus individualmente, em momentos devocionais particulares, entretanto é quando se adora em comunidade que se experimenta algo especial da presença do Espírito Santo e do poder de Deus. Paulo recomenda aos Efésios que “animem uns aos outros com salmos, hinos e canções espirituais. Cantem com todo o coração, hinos e salmos ao Senhor” (Efésios 5:19, 20). As reuniões domésticas proporcionam um ambiente sem a “pirotecnia” peculiar dos “lugares sagrados”, o que leva cada membro a focalizar sua mente não nos “aparatos religiosos”, mas somente em Deus. No grupo pequeno é mais fácil identificar os *dons espirituais* dos membros possibilitando um compartilhamento para a edificação (*oikodomein*) dos outros, fazendo tudo com ordem e decência. (1 Cor 14:26). Assim como uma casa não é uma família se seus membros não se encontram e gastam tempo junto, assim os crentes não vivenciam a igreja de verdade, sem a comunhão cristã. A comunhão, compartilhamento (*koinonia*) era função básica da igreja iniciante e deve ser característica fundamental da igreja atual. Biblicamente, comunhão significa vida compartilhada com base no “novo nascimento” do cristão em Cristo Jesus. Nascer de novo é “nascer dentro da família e comunidade de Deus”. Formas e estilos de comunidade podem variar, porém quaisquer grupos de cristãos que não vivem uma vida de partilha e intimidade juntos, não compreenderam o real sentido do Corpo de Cristo, ou seja, não compreenderam o sentido de ser igreja. Se os encontros em pequenos grupos, nos lares, podem facilitar o contato e o desenvolvimento de relacionamentos entre as pessoas, essa forma de reunião se torna eficiente na promoção da vida em comunhão.

□ *Disciplina e dons espirituais.* Disciplina pode ser definida por discipulado, edificação de uma comunidade de pessoas que seja verdadeiros discípulos de Jesus. A igreja não é um clube social ou um lugar para encontrar pessoas; ela é uma comunidade de crentes chamados e unidos pela graça de Deus. Daí a importância de advertir, repreender, exortar, encorajar, edificar e discipular uns aos outros em amor. Ter disciplina e fazer uso dela é importante para a saúde da igreja, pois uma comunidade é formada de pessoas sujeitas a confrontos, irritações, ofensas e embates. A reconciliação se faz necessária nesses momentos e é por meio dos ensinamentos de Jesus que se fará toda e qualquer repreensão, exortação e ensino. Os cristãos devem estar prontos para assumir a responsabilidade sobre suas próprias vidas e de seus irmãos na fé. Essa é uma das razões pelas quais estruturas de grupos pequenos são essenciais para a igreja. É improvável que reuniões grandes possam ser úteis para que uma pessoa seja intimamente exortada e tal atitude gere cura para sua vida. A Bíblia instrui que a exortação e até mesmo a repreensão deve ser feita na igreja (cf. Tiago 5:16; 1 Tess. 5:11; Col 3:16; Rm 12:15). Uma igreja no lar é um ambiente propício para a tais atitudes, uma vez que se seus membros procuram, como valor essencial, compartilhar suas vidas uns com outros, e torna-las “disponíveis” e “abertas” a todos. Entrar numa “casa” na qual se reúne a igreja, implica em entrar num ambiente onde todos procuram estar intimamente ligados. Sem julgar os valores sociais da degradação moral presente na sociedade, na qual é impossível definir quais são as verdadeiras intenções do coração de uma pessoa, é possível concluir que uma igreja doméstica é auto-seletiva (não exclusivista), ou seja, tornar-se membros de uma comunidade doméstica implica em ter disciplina e estar sujeito a ela, caso contrário, a própria pessoa se exclui do grupo. Outra característica na qual a igreja nos lares deve estar pautada é a necessidade de operação dos dons espirituais. A identificação, despertamento e uso dos dons são parte vital para a vida comunitária da igreja. Quando se tem um contato mais próximo, uns com outros, fica mais fácil, “dinamizar” tais dons e “encaixa-los” de forma que se atenda a necessidade da comunidade. Os grupos pequenos são eficientes para esse processo.

## 5. CONCLUSÃO

A trajetória da igreja primitiva é observada através dos escritos de Paulo e também de outras cartas do Novo Testamento que davam diretrizes aos fiéis. Os primeiros seguidores de Jesus viviam realidades conflituosas da desarmonia com os judeus, da inviabilidade de se reunirem nas sinagogas e nos templos e ao mesmo tempo o desafio de darem continuidade aos princípios e valores deixados por Jesus. O evangelho deveria ser anunciado por e através da vida dos discípulos, pela maneira como eles administravam cotidianamente a rotina da nova família cristã que se formava.

Paulo, um dos pilares da igreja primitiva, escrevia constantemente em suas cartas utilizando-se do termo *oikos* e seus parônimos. Conforme explicitado, vislumbrava alguns valores dessa instituição secular para a igreja iniciante. Ele ressaltava que a família de Deus, o *oikos* de Deus, deveria ser inclusivista, e com isso quebrava o paradigma familiar vigente na sociedade, que estabelecia com clareza os papéis dos membros, de escravos e estrangeiros. Entretanto, enxergava no vínculo e na unidade identitária absoluta, valores que a igreja primitiva deveria absorver. Enxergava dessa forma a família como “ponto de partida” para o desenvolvimento da igreja de Cristo.

Em contrapartida, a família hoje vem sendo solapada e acaba por endossar os valores individualistas da “pós-modernidade”. A unidade e a relevância dos laços familiares hoje se enfraqueceram. A razão da ciência e o relativismo vêm apontado o caminho oposto daquele desejado pelos cristãos primitivos. Os vínculos estabelecidos entre as pessoas hoje só acontecem pelo interesse latente da própria relação. A identidade de “um só corpo”, tão almejada e designada por Paulo como expressão dos ensinamentos de Cristo, não tem espaço no ambiente egoísta e solitário “pós-moderno”, em que a igreja institucionalizada encontra-se.

É nessa realidade, assim como nos tempos de Paulo, que se dá a possibilidade de “reverter” os valores sociais desse mundo. É preciso ressaltar que na época das primeiras igrejas também havia degradação moral e ascensão de novas religiões assim como hoje há um questionamento de valores e novas formas de se pensar o “sagrado”. As dificuldades de hoje, portanto, são proporcionais às enfrentadas pelos primeiros cristãos na tentativa de consolidar e viver conforme os parâmetros cristãos.

Observando as inscrições bíblicas, portanto, é possível propor um resgate dos bons valores da igreja primitiva, por meio de uma “igreja-família” no contexto brasileiro. Isso não significa importar modelos exógenos ou propor uma institucionalização nova ou ideal sobre a igreja de Jesus. Mas compreende resgatar os paradigmas cristãos desejados através de uma experiência simples do evangelho. Propor uma trajetória menos formalizada é respeitar as características culturais de um grupo, como sua forma de organização, costumes e singularidades através das quais o evangelho possa se manifestar. Frente a essa degradação da família contemporânea, e dos valores morais da sociedade, o cristão que coloca seu lar e sua casa à disposição da comunidade cristã, para que ali “aconteça” a igreja, se posiciona radicalmente em sua decisão de viver o evangelho. A volta da igreja para o lar hoje, significa tanto dar a ela a novamente sua característica familiar de intimidade e relacionamento, quanto promover cura, levando Cristo, para uma instituição falida da sociedade de hoje – a família.